

## Tropa de Elite: entrevista com Julita Lemgruber

13 de outubro de 2007

Em entrevista ao jornal Correio Braziliense, Julita Lemgruber fala sobre o filme Tropa de Elite e a violência policial. "Com a minha experiência de ex-ouvidora da Polícia do Rio de Janeiro, posso assegurar que o filme tem uma forte relação com a realidade. Se há uma crítica a ser feita é que, muitas vezes, a violência real é ainda maior que a apresentada na obra. Eu conheci muitos Capitães Nascimento, com síndrome de pânico, tomando tranquilizantes, a ponto de explodir."

Ideologia do mal

Pedro Paulo Rezende  
Correio Braziliense

Até que ponto os fatos apresentados em Tropa de elite são reais?

Com a minha experiência de ex-ouvidora da Polícia do Rio de Janeiro, posso assegurar que o filme tem uma forte relação com a realidade. Se há uma crítica a ser feita é que, muitas vezes, a violência real é ainda maior que a apresentada na obra. Eu conheci muitos Capitães Nascimento, com síndrome de pânico, tomando tranquilizantes, a ponto de explodir.

A obra expõe, em episódios quase cômicos, a corrupção entranhada na Polícia Militar&hellip;

Vamos deixar bem claro: aquelas cenas ocorrem num batalhão PM comum. O quadro de canibalização da frota, reflexo perfeito da realidade, facilita a prática da corrupção. Os policiais procuram peças de reposição junto à comunidade, abrindo caminho para achques e para o arrego (subornos oferecidos por marginais ligados ao jogo do bicho ou às drogas). Vários outros fatores colaboram com isso. Os salários são relativamente baixos. Um oficial PM recém-formado recebe R\$ 800. Há um agravante, na maioria das vezes ele mora no morro, ao lado do bandido. Ele sai para trabalhar e a família fica refém na favela. Isso também vale para os agentes penitenciários.

Tropa de elite mostra a relação promíscua da classe média com o crime. Até que ponto esse quadro colabora com o crescimento da criminalidade no Rio de Janeiro?

O surgimento das drogas sintéticas importadas, como o ecstasy, está tomando o lugar da cocaína e da maconha. Com isso, o envolvimento da classe média é cada vez maior e cresce o número de jovens universitários presos por ligação

com o tráfico.

Qual a maior falha de Tropa de elite?

É adotar o discurso do Capitão Nascimento sem qualquer crítica. Em nenhum momento o personagem coloca em dúvida o modelo adotado de combate ao narcotráfico, que está em falência. Num país como o Brasil, onde o apoio à pena de morte e a medidas judiciais mais duras é amplo, endossar essa ideologia é um grande risco e pode se transformar num desserviço à sociedade. (PPR)

Aos que aplaudem a "Tropa de Elite"

A temática da segurança pública no Rio de Janeiro volta a lotar os cinemas. As cópias piratas de "Tropa de Elite", há semanas vendidas por camelôs, não impediram que o filme batesse recordes de público nos seus primeiros dias em cartaz no Rio.

O polêmico longa de José Padilha trata da segurança pública pela ótica de um oficial do Bope, o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar fluminense.

Capitão Nascimento, personagem principal e narrador do filme, interpretado pelo excelente Wagner Moura, não aceita propinas, despreza a polícia convencional e adota métodos de trabalho sanguinários e cruéis.

Apesar da brutalidade, Nascimento tem despertado manifestações de apoio de parte do público fluminense. Difícil é entender por quê.

O longa-metragem de Padilha ilustra em detalhes, com as aventuras do capitão do Bope, a forma como a polícia e as autoridades do Rio pensam o problema da segurança e atuam para solucioná-lo. E são décadas de equívocos, repressão abusiva, inteligência deficiente, desvios éticos, que só vêm agravando a situação.

O desrespeito aos direitos dos moradores de favelas, os tiroteios em áreas densamente povoadas, as revistas e interrogatórios constrangedores, os espancamentos, as execuções e a tortura, retratados de forma explícita em "Tropa de Elite", são há anos práticas sistemáticas no combate à chamada criminalidade.

A representação da favela no filme também é coerente com as ações da polícia na vida real. Para muitos policiais, na

favela, quem não é bandido é cúmplice, e todos os moradores são assim tratados. A autoridade que despacha essas incursões e depois as apóia publicamente referenda tal visão.

Não é preciso ler os relatórios de organizações que atuam em favelas e periferias, basta um pouco de bom senso, para deduzir sobre a diversidade que caracteriza as comunidades populares e a complexidade das suas relações sociais, culturais e econômicas. A violência policial e a lógica do confronto só têm servido para aumentar o número de vítimas em operações nesses espaços.

No caso do trabalho dos movimentos sociais e das entidades de defesa dos direitos humanos, a desinformação das autoridades é mais recente. A caricatura de ONG apresentada em &ldquo;Tropa de Elite&rdquo; é a concepção que muitos oficiais da polícia expressam no dia-a-dia sobre os movimentos sociais. Trata-se da mesma lógica míope do confronto: quem não pensa como eu está contra mim.

Também típico das forças de segurança é eleger, como fazem Nascimento e seus colegas de tropa, os usuários de drogas como bode expiatório do tráfico e ignorar a rede ampla de comércio de drogas, no atacado e no varejo. O fato é que a repressão pura e simples ao uso não teve até hoje nenhum efeito significativo. Por que a resistência em tratar as drogas como saúde pública? Por que nem se discute a revisão da legislação?

Assim, para os que aplaudem empolgados os feitos do capitão Nascimento nos cinemas, fica de novo o recado: faz tempo que o que está retratado ali na telona é costume no Rio de Janeiro, e a coisa só faz piorar.

fonte: <http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatorio/noticias/noticias/4585.asp>